

“Pexe”, “caxa”, “chuvero”: a monotongação na escrita dos alunos e o que isso tem a ver com os usos da língua

Júlia Aparecida Dias Ramos, graduanda do curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa

Se você é professor ou estagiário, já se deparou com a grafia “pexe”, “caxa” ou “chuvero” nos cadernos de seus alunos? Antes de corrigir como um simples “erro de ortografia”, que tal parar para pensar: será que eles estão apenas escrevendo do jeito que falam?

A resposta pode ser sim — e isso não é falta de estudo, mas resultado de um processo linguístico chamado *monotongação*. Este fenômeno está presente na fala cotidiana e acaba se refletindo, muitas vezes, na escrita dos estudantes. É sobre isso que trata o sexto capítulo, “Monotongação na escrita dos alunos do ensino fundamental”, dos autores Gredson dos Santos e Geisa Borges da Costa, no livro *Fonologia e Variação: diretrizes para o ensino*¹, além de ser o foco de pesquisas recentes como o estudo de Basso e Esteluti (2023)² sobre as ocorrências de monotongação e seus ambientes.

A monotongação é um processo fonológico que acontece quando um ditongo (duas vogais pronunciadas na mesma sílaba, como em “ai” de “baixo”) se transformam em apenas uma vogal. Assim, na fala de muitos brasileiros, “baixo” soa como “baxo”, com apenas o som “a”.

Basso e Esteluti nos dizem que uma parte das ocorrências desse fenômeno na escrita dos alunos provavelmente é fruto da prática oral do dia a dia, pois se fala de forma descontraída e rápida, e isso faz com que seja subtraída dos ditongos uma semivogal.

¹ Disponível em:

https://ponteseditores.com.br/loja3/?download_file=5978&order=wc_order_OXJzoz9giwoJ2&uid=5ae42f4facb9b3b932ac10c103b29567ad5c2ad6302fec53b0b532bdc86671f3&key=aae6c2f1-0923-48a9-94a1-d965231d80aa

² Disponível em:

https://drive.google.com/file/d/1h11syk8SpVMaL3ifR6xlmqfydjG13lmg/view?usp=drive_link

Para os autores, o que os professores de língua portuguesa devem considerar é o fato de que o foco maior em sala de aula deveria ser as variantes do idioma (os usos da língua) e a partir delas trabalhar as regras da língua.

Sabemos que a escola, muitas vezes, cobra uma escrita “correta” de acordo com a norma-culta da língua portuguesa, mas esquece de compreender como os alunos de fato se comunicam. E isso é um problema. Afinal, como esperar que um estudante escreva “peixe” se, em sua variedade linguística, ele só conhece a forma “pexe”?

Pensando nisso, é fundamental que o professor entenda a monotongação não como erro, mas como um processo que geralmente surge da fala do aluno e que carrega marcas regionais, sociais e históricas — e quando ele escreve como fala, está revelando sua identidade linguística, não sua incapacidade.

Desse modo, encontrar caminhos para se trabalhar esse fenômeno em sala de aula é um importante passo para ensinar que a língua é viva e está em constante movimento, refletindo diretamente em como nos comunicamos na escrita — principalmente quando estamos aprendendo a escrever.

Possibilidade para se tratar o tema em sala de aula

Refletindo sobre a prática pedagógica do professor e os possíveis caminhos para trabalhar a monotongação em sala de aula, a proposta defendida por Basso e Esteluti consiste em utilizar os próprios livros didáticos que os professores recebem do estado. Vamos supor que, em uma aula, o professor tenha de trabalhar com a leitura de um texto para que depois se desenvolva questões interpretativas a respeito do conteúdo. No decorrer da leitura, pode-se chamar a atenção dos alunos para algumas palavras que possam ser monotongadas. Dessa forma, o docente não “fugiria” do conteúdo imposto pelo estado e, ao mesmo tempo, trabalharia o fenômeno da monotongação.

E agora, que tal refletir sobre a sua prática pedagógica?

Na próxima vez que você se deparar com um aluno monotongando palavras na escrita, segure a caneta vermelha por um instante. Que tal transformar esse momento

em uma roda de conversa? Em vez de corrigir, pergunte: “como você fala essa palavra? Por que será que escreveu assim?”. Use essa escrita como ponto de partida para explorar os sons da língua, as suas variações e os caminhos que percorremos entre a fala e a escrita. Quem sabe você não descobre que trabalhar a língua em seus reais usos é mais legal e instigante para os seus alunos do que insistir na “decoreba” gramatical?